



Devanilson Álvares de Souza  
Thalita Alves Portela

# A CURA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

*Texto em conformidade com as novas regras do  
acordo ortográfico firmado entre os países de língua  
portuguesa.*

Brasília, DF – Brasil

2009.

---

## AUTORES DESTA OBRA

---

### **Devanilson Álvares de Souza**

Seminarista da Igreja Católica Apostólica Romana, pela Diocese do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Evangelização, Luziânia – GO. Formado em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior do Brasil. Atualmente estuda Teologia no Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima, Brasília – DF – Brasil.

### **Thalita Alves Portela**

Fotógrafa e Produtora visual. Formada em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior do Brasil. Atualmente trabalha em próprio estúdio de fotografias e estuda a Linguagem e os seus diversos tipos de manifestações, especialmente no campo musical e visual.

# A CURA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

*Texto em conformidade com as novas exigências do acordo ortográfico firmado entre os países de língua portuguesa.*

Brasília, DF – Brasil

2009



---

## AGRADECIMENTOS

---

É necessário e importante agradecer, antes de tudo, a Deus, fonte da vida e de toda sabedoria, donde emana a fé e a razão. Nossa gratidão a Deus pela nossa amizade (autores) e também por permitir que trabalhássemos juntos em equipe, apesar das divergências religiosas e filosóficas.

Não poderíamos deixar de agradecer a todos os nossos professores que nos mostraram o caminho, que nos inspiraram e apoiaram todos os nossos projetos acadêmicos. Também não poderíamos deixar de lado a nossa gratidão a todos os amigos pelo carinho, incentivos e opiniões.

Aos nossos familiares, que tanto nos ajudaram, principalmente nos momentos mais difíceis da formação e da vida, seria até um “sacrilégio” deixar de agradecê-los. Muito obrigado a vocês por todo apoio material e moral durante toda a formação filosófica.

Agradecemos ainda a Revista eletrônica *Antorcha Cultural* pela oportunidade e promoção deste evento, que ocorre anualmente, o qual também é um incentivo para nós. Na última edição desta revista, Devanilson apresentou ABC do Amor e da Linguagem, o qual está publicado no site.

A todos muito obrigado!

Devanilson Álvares de Souza

Thalita Alves Portela

---

**SUMÁRIO**

---

|   |    |
|---|----|
| <b>AGRADECIMENTOS</b>                                 | IV |
| <b>RESUMO</b>   | 06 |
| <b>INTRODUÇÃO</b>                                     | 07 |
| <br>  |    |
| <b>CAPITULO I – A LINGUAGEM</b>                       | 08 |
| 1.1. Linguagem  | 08 |
| 1.2. O Pensamento e Linguagem                         | 11 |
| 1.5. Filosofia x Psicologia                           | 14 |
| <br>  |    |
| <b>CAPITULO II - A CURA</b>                           | 17 |
| 2.1. Cura psíquica através da Linguagem               | 17 |
| 2.2. Consciente, pré-consciente e inconsciente        | 18 |
| 2.3. A Linguagem no processo psicanalítico            | 20 |
| 2.4. A importância da Linguagem na psicoterapia atual | 25 |
| <br>  |    |
| <b>CONCLUSÃO</b>                                      | 27 |
| <b>ANEXO</b>  | 28 |
| Biografia Vigotski                                    | 28 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>                     | 32 |

---

## RESUMO

---

A *Lingua e Fala* são conceitos distintos de *Linguagem*, pois a Língua é apenas um tipo de Linguagem, um esquema de possibilidades e de combinações mentais de que um falante dispõe para efetivar a comunicação verbal, de acordo com a sua comunidade lingüística. A Fala, por sua vez, é a capacidade real e individual do uso da língua, ou seja, é a emissão de sons em algum padrão disponível. Já a Linguagem é um termo que engloba qualquer forma de comunicação. Catarse é o método que visa eliminar perturbações psíquicas, excitações nervosas, tensões, angústia, através da provocação de uma explosão emocional. Por meio da fala, a catarse ajuda o indivíduo a obter controle emocional e a enfrentar os problemas da vida. O método de cura psicanalítica, por meio da linguagem. Portanto, a cura consiste em externalizar os sentimentos e os pensamentos opressores e oprimidos em voz alta. Primeiro, por meio da hipnose e, posteriormente, por meio da interpretação das lembranças e sonhos.

---

## INTRODUÇÃO

---

O homem é um ser sociável, é impossível não atribuir essa idiossincrasia à sua grande capacidade comunicativa. A fala externalizada não é a única existente, pois a mente humana é repleta de uma linguagem muito mais complexa e abstrata, que, paradoxalmente, também é mais sintética. Um pensamento, que pode surgir num lapso, precisa de muitas palavras para ser expresso, pois na mente a linguagem é puro simbolismo.

A linguagem é uma via de mão dupla, é intermediadora entre o mundo e nós, entre os outros e nós e entre nós mesmos e nós. Graças à linguagem traduzimos os dados que apreendemos do exterior e os interpretamos, a fim de assimilá-los internamente. Também, por intermédio da linguagem, traduzimos o nosso interior abstrato e imagético aos outros. Portanto, é impossível fugir da linguagem em qualquer situação da vida, pois ela constrói o homem e vice-versa.

Ao longo deste trabalho poder-se-á notar que os sintomas de doenças psicológicas podem ser sentidos pelo corpo, pois as patologias daquilo que Freud denominou inconsciente, são passíveis de extravasarem fisicamente. Isso ocorre porque certos fatos e desejos da infância foram reprimidos ou expulsos da consciência. Esse conflito, chamado de neurose, é uma forma de linguagem, pois exterioriza aquele mal de que padece o doente.

Freud concluiu que esse movimento de repressão, causa da neurose, é comum a todas as pessoas. Reprimir seria uma defesa natural da psiquê, tanto que o próprio médico Sigmund rejeita o distanciamento científico e reconhece suas próprias neuroses em dado momento de sua vida. Para curar seus pacientes e fazê-los superarem os conflitos psicológicos Sigmund e Freud utilizaram a linguagem, expressão daquilo que o próprio *EU* esconde de si mesmo.

É justamente sobre isto, “*A cura através da linguagem*”, que desejamos refletir aqui. Bem como tentar entender o papel da linguagem na cura de problemas psicológicos, pois acreditamos que muitos problemas sociais não passam de problemas psicológicos que aflige a alma e o corpo, o indivíduo e o coletivo.

---

## CAPITULO I

---

### A LINGUAGEM

#### 1.1. A Linguagem

Julgamos necessário iniciar nossa reflexão tentando entender a linguagem por meio de outra ótica, a psicológica. Visto que em *ABC do Amor e da Linguagem*<sup>1</sup> procurou-se definir e entender a Linguagem, partindo a filosofia e chegando numa visão teológica.

Inicialmente consideramos aqui que a *Língua e Fala* são conceitos distintos de *Linguagem*, pois a Língua é apenas um tipo de Linguagem, um esquema de possibilidades e de combinações mentais de que um falante dispõe para efetivar a comunicação verbal, de acordo com a sua comunidade lingüística. A Fala, por sua vez, é a capacidade real e individual do uso da língua, ou seja, é a emissão de sons em algum padrão disponível. Já a Linguagem é um termo que engloba qualquer forma de comunicação.

Analisando a *Linguagem Humana* notamos que ela é um sistema que serve para transmitir e comunicar idéias e sentimentos – por meio de signos convencionais, sonoros e gestuais, dentre outros – que pode ser percebida pelos diversos sentidos humanos. Segundo Souza (1995), mesmo que o dado representado esteja fisicamente ausente, as palavras, as imagens, os gestos e os sons são capazes de fixar tal elemento na memória.

Dessa forma, não somente a fala, mas todas as manifestações culturais humanas – pinturas, mímica, música, escultura, dança, enfim, a arte em geral, por exemplo, constituem formas de linguagem, e não a linguagem, mas somente formas. No entanto, é importante lembrar que, inclusive, os animais também possuem a sua linguagem, não-verbal, mas instintiva, como afirma Rousseau:

Aqueles animais que trabalham e vivem em comum, como os castores, as formigas e as abelhas possuem – não duvido – alguma língua natural para se comunicarem entre si. Há mesmo razão para crer-se que a língua dos castores e a das formigas se compõem de gestos, falando somente aos olhos. De qualquer modo, justamente por serem naturais, tanto uma quanto outra dessas línguas não são adquiridas: os animais, que as falam, já as possuem ao nascer; todos

---

<sup>1</sup> *ABC do Amor e da Linguagem* é uma obra de autoria de Devanilson Álvares de Souza, publicado e disponível no site [www.antorchacultural.com](http://www.antorchacultural.com). Nesta obra o autor conclui que o Amor e a Linguagem são Universais e Perenes, tal como Deus, ou melhor, o Amor e a Linguagem é o próprio Deus. Para tanto o autor utiliza o primeiro capítulo do Evangelho de São João.

as têm e em todos os lugares são as mesmas; absolutamente não as mudam e nelas não conhecem qualquer progresso. A língua de convenção só pertence ao homem e esta é a razão que o homem progride [...] e por que os animais não o conseguem. (ROSSEAU *apud* CHAUI, 1993, p. 163)

Portanto, a diferença cabal entre a *Linguagem Humana* e a *Linguagem Animal* consiste na capacidade de abstração da primeira. Pois, ainda segundo Souza, algo concreto pode se tornar presente à consciência por meio da imaginação: “*Através da linguagem, cria-se um mundo estável de idéias que permite aos indivíduos moverem-se no tempo, lembrando o passado, projetando o futuro e respondendo ao presente*”. (SOUZA, 1995, p. 102)

Análoga é a visão de Descartes (1991), pois para ele, a linguagem é uma das características da alma humana que não tem precedentes na natureza. Para tal pensador a linguagem é um dos traços que diferenciam os seres humanos dos outros animais. Estes, por mais que possam imitar palavras, como os papagaios, não podem, porém, colocá-las intencionalmente em ordem, a fim de representar aquilo que pensam.

Para Heidegger, segundo Souza, a faculdade de falar é que garante a humanidade ao homem:

“Segundo uma tradição antiga, nós somos os seres que falam e que por isso já possuem linguagem. No homem a faculdade de falar não só é uma capacidade que se põe ao lado das outras. É a faculdade de falar que faz o homem ser homem. Esse traço é perfil de seu ser. O homem não seria homem se não fosse dado falar, se não fosse capaz de dizer [...] Enquanto a linguagem concede esse favor, o ser do homem repousa na linguagem”. (HEIDDEGER *apud* SOUZA, 1995, p. 99)

A prova disso é que a evolução da humanidade se deve à linguagem. Ela se desenvolveu ainda na pré-história, como pode ser verificado pelas pinturas em cavernas, por exemplo; suspeita-se que antes mesmo do *homo sapiens* já existia linguagem. Foi a linguagem verbal, propriamente dita, que provavelmente constituiu o alicerce para o surgimento das civilizações antigas; primeiro com a associação de sinais sonoros a objetos.

E essa capacidade de representação passou a permitir a comunicação, a interação e a propagação de valores abstratos entre os seres, por meio de signos:

“Signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse

objeto de certo modo e numa certa capacidade, por exemplo: a palavra casa, a pintura de uma casa, o esboço de uma casa, o filme de uma casa, a planta de uma casa, ou mesmo, o seu olhar para uma casa, são todos signos do objeto casa. Substituem-na, apenas, cada um deles, de certo modo que depende da natureza do próprio signo. (SANTAELLA *apud* SOUZA, 1995, p. 104)

Por meio dos signos, as pessoas expressam não necessariamente a realidade em sua concretude, mas a interpretação subjetiva que fazem dela. Como diria HEGEL “*toda a realidade tem de atravessar, para alcançar a alma e a vontade, o meio intermediário formado pela intuição e pela representação. E sempre assim acontece, quer se trate da ação direta da realidade como tal, quer esta se manifesta de modo indireto*” (1996, p.33).

Assim, a linguagem não é, em sentido restrito, apenas a representação de elementos concretos do mundo, como uma casa, mas sim da imagem, da idéia que o falante formou de tal objeto. Dessa forma a própria capacidade representativa da linguagem permitiu que ela influenciasse tanto na evolução humana, pois os valores e costumes abstratos de uma sociedade puderam ser propagados através do tempo e do espaço.

Essa influência da linguagem na constituição de sociedades civilizadas aumentou consideravelmente com o surgimento da escrita, que potencializou o poder da língua de perpetuar, por meio de símbolos, tradições e, assim, firmar a cultura dos povos. Portanto, a linguagem sempre configurou uma grande força ideológica na vida social, por manifestar o pensamento e possibilitar a interação e, não raro, a dominação de certos grupos sobre outros.

Para o pioneiro idealista, o grande filósofo Platão, a linguagem é um *pharmakon*, remédio, veneno e cosmético. Platão considerava, portanto, que a linguagem poderia ser um remédio para o conhecimento. Isto porque é através do diálogo que as pessoas trocam idéias, ouvem opiniões, descobrem, aprendem coisas novas umas com as outras, e assim, ampliam seus conhecimentos. Por outro lado, segundo Marilena Chauí:

“Pode, porém, ser um veneno quando, pela sedução das palavras, nos faz aceitar, fascinados, o que vimos ou lemos, sem que indaguemos se tais palavras são verdadeiras ou falsas. Enfim, a linguagem pode ser cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras. A linguagem pode ser conhecimento-comunicação, mas também pode ser encantamento-sedução”. (2001, p. 137)

O renomado discípulo de Platão, o grande Aristóteles, apresenta o homem como um animal político (social e cívico), justamente pelo fato de ser o único dotado de linguagem verbal. Os animais têm voz, exprimem dor, prazer e se comunicam, porém somente o

homem adquire palavra, por meio da qual exterioriza e perpetua aos contemporâneos e descendentes os valores que viabilizam a vida social e política. Para ele, inclusive, tudo quanto se exprime pela linguagem é do domínio do pensamento.

A retórica, como método persuasivo de deter, manter e impor o poder, por meio da linguagem, foi utilizada e ensinada pelos sofistas – o que motivou a crítica de Sócrates e de Platão – e sistematizada por Aristóteles na Retórica. Assim, a linguagem na Grécia teve seu papel ideológico de dominação política reconhecido. Em Atenas, ela se tornou um instrumento indispensável para aqueles que desejavam o sucesso na vida pública da pólis.

Ao longo dos tempos, a linguagem tem cada vez mais despertado o interesse não apenas dos filósofos, mas de profissionais das mais variadas áreas. Para os pensadores Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, ao desenvolver a linguagem, o homem torna-se apto a pensar e a tirar conclusões sobre a realidade e os tipos de fatos correlacionados que a compõem.

## **1.2. O Pensamento e Linguagem**

Voltando a nossa reflexão inicial, notamos como a psicologia e a filosofia, apesar de algumas divergências, têm interesses comuns pela linguagem. Na filosofia sublinharemos, para o nosso estudo, o alemão Martin Heidegger e na psicologia Lev S. Vigotski. Pois acreditamos que ao analisar e estudarmos o pensamento, acerca da linguagem, na visão de psicólogo e de um filósofo poderemos compreender com maior facilidade como essas duas áreas do conhecimento podem contribuir para a vida e para o desenvolvimento humano.

Primeiramente analisemos o pensamento de Lev Semenovich Vigotski, magno pesquisador da evolução cognoscitiva infantil. As pesquisas desse teórico da psicologia – que muito se interessou na relação entre fala, linguagem e pensamento – sempre deram grande valor à função da linguagem nesse processo de amadurecimento físico e mental do ser humano.

Vigotski dedicou-se a pesquisar a evolução cognoscitiva infantil, dando prioridade à função da linguagem no processo de amadurecimento físico e mental do Homem. Para ele a fala é um fenômeno físico e concreto que pode ser analisado diretamente, com os órgãos sensoriais ou com ajuda de métodos e instrumentos análogos utilizados pelas ciências físicas. Para os receptores (ouvintes) a fala é, com efeito, um fenômeno fonético. Mas, conforme

Vigotski, não se deve considerar essa manifestação da linguagem como um processo mecânico e independente do pensamento.

Vigotski acreditava que a palavra é o que representa e dá ao pensamento a consistência de que ele necessita para poder ser compartilhado. Isto é bem exemplificado neste trecho: “*O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com outra, a estabelecer uma relação entre as coisas.*” (VIGOTSKI, 2005, p.156).

De acordo com Vigotski, toda movimentação, desenvolvimento e amadurecimento de um pensamento ocorre em função de solucionar um problema, ou seja, a “*análise da interação do pensamento e da palavra deve começar com uma investigação das fases e dos planos diferentes que um pensamento percorre antes de ser expresso em palavras.*” (idem). E esse processo ocorre no interior do indivíduo, mediado por sua linguagem interna.

A interação entre pensamento e linguagem, seria, portanto, tão intrínseca que não é possível fazer um recorte científico para estudá-los separadamente:

“O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem que fica difícil se tratar de um fenômeno da fala ou fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério “da palavra”, seu componente indispensável. Parecia, então, que o significado poderia ser visto como fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito”. (ibidem, p.150-151)

Vigotski afirma ainda que o elo entre pensamento e língua são os significados que, para a psicologia, não passam de conceitos produzidos pelo pensamento, e este, já citado, por sua vez, só se torna conhecido se exteriorizado pela linguagem. Assim, o sentido é, dessa forma, um atributo que não pode ser reduzido somente à esfera do pensamento ou da fala, nem se pode mensurar até que ponto pertence àquele ou a esta.

Também é de Vigotski a dicotomia *fala interior* e *exterior*. Para ele, a primeira seria uma transmutação de palavras em pensamentos, hipótese de Vigotski congruente com o conceito piagetiano de fala egocêntrica – expressão verbal do pensamento infantil, ininteligível aos outros. Com o desenvolvimento da capacidade de expressão social e maturação biológica, as crianças, a fim de serem compreendidas, passariam a “traduzir” sua fala interna em enunciados cada vez mais compreensíveis oralmente.

Nas palavras do próprio Vigotski:

“A fala interior é a fala para si mesmo; a fala exterior é para os outros. Seria na verdade surpreendente se uma diferença funcional tão básica não afetasse a estrutura dos dois tipos de fala. A ausência de vocalização, por si só, é apenas uma consequência da natureza específica da fala interior, que não é nem um antecedente da fala exterior, nem a sua reprodução na memória, mas, em certo sentido, o contrário da fala exterior. Esta última consiste na tradução do pensamento em palavras, na sua materialização e objetificação. Com a fala interior, inverte-se o processo: a fala interioriza-se em pensamento. Conseqüentemente, as suas estruturas têm que divergir.” (ibidem, p. 164)

Desta forma ele afirma que a evolução do pensamento não é idêntica à da fala, ocorrendo, pelo contrário, em direções opostas. O uso efetivo da língua antecede às noções distintivas mais complexas do pensamento. Por exemplo, as crianças pequenas não conseguem separar o nome de um objeto de suas características, como se a denominação fosse algo tão intrínseco ao objeto que o definisse como tal.

A partir de agora, dirigindo nossa reflexão para a filosofia notamos que muitos são poéticos, e no trecho a seguir veremos que Martin Heidegger busca encarar a linguagem como fenômeno e objeto de estudo, além de guardar certo lirismo: “*Para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem a fim de conseguir morar na linguagem, isto é, na sua fala. Somente assim é possível alcançar o âmbito a partir da linguagem que nos confie o seu modo de ser*” (HEIDEGGER, 2003, p. 9).

Para Heidegger, a linguagem faz parte do ser humano, está em toda parte e o que o pensamento faz nada mais é que tentar representá-la universalmente. Heidegger afirma que filosofar sobre a linguagem, ainda pior do que falar sobre o silêncio, seria tentar representar sua essência e, ao mesmo tempo, distingui-la de outras formas representativas. Deste modo, ele não busca uma concepção, mas sim pensar a linguagem ela mesma.

Essa onipresença da linguagem na concepção heideggeriana é bem exemplificada neste belo trecho, que além de ser poético é extremamente filosófico, em que:

“O homem fala. Falamos quando acordados e em sonhos. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem [...] a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem.” (HEIDEGGER, 2003, p. 7)

Deste modo, como a linguagem é um elemento amplo, o pensamento também não pode ser reduzido a um mero conceito de sinônimo de raciocínio. Para Heidegger,

*“a fala não deve ser compreendida nem como pretensa ‘capacidade’ do homem, nem como tradicionalmente há sido considerada como modo de expressão, atividade humana, ou exposição do real e do irreal. Em todas essas acepções, a fala torna-se um objeto e o pensamento também não seria objeto e sim experiência”* (LOYOLA, 2007, p. 80).

Em razão dessas tentativas científicas de reduzir a linguagem e o pensamento a meros objetos, Heidegger se volta para a *linguagem poética*, pois ele considera que a poesia como vizinha do pensamento, e por meio dela é possível travar uma *“experiência pensante com a fala”* (ibidem, p. 81). No sentido de que, nessa vizinhança, *“quando refletimos sobre a poesia, nos achamos no mesmo elemento onde se move o pensamento”*. (ibidem, p. 82).

### 1.3 Filosofia x Psicologia

Analisando ainda a relação entre a Filosofia e a Psicologia, notamos que em grande parte, como já discutimos, há uma significativa valorização da linguagem. Contudo, na Filosofia e na Psicologia também existem divergências, em alguns pontos são polêmicas, como na crença da existência do inconsciente:

*“É verdade que a Filosofia repetidamente tratou do problema do inconsciente, mas, com poucas exceções, os filósofos assumiram uma ou outra das duas posições seguintes: ou o seu inconsciente foi algo místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente permaneceu obscura, ou identificaram o mental com o inconsciente e passaram a deduzir dessa definição que aquilo que é inconsciente não pode ser mental nem assunto de Psicologia. Essas opiniões devem ser atribuídas ao fato de os filósofos terem formado seu julgamento sobre o inconsciente sem estarem familiarizados com os fenômenos da atividade mental inconsciente e, assim, sem qualquer suspeita de até onde esses fenômenos se assemelham aos conscientes ou em que aspectos deles diferem”* (FREUD apud MATTEO, 1983, p. 40)

Sendo assim, a filosofia quando tratou do tema *“inconsciência”*, o fez ligando-o mais ao misticismo, fazendo com que a idéia de inconsciente se tornasse algo truncado a ponto de não poder ser considerado como uma parte integrante nem do aspecto mental, tampouco do aspecto físico. Dessa forma, alguns filósofos negaram ao inconsciente a qualidade de

elemento que pode ser estudado cientificamente. No entanto, alguns cientistas se dedicaram ao estudo do inconsciente.

Freud, por exemplo, evitou a influência direta dos filósofos em suas obras pelo fato de que os filósofos negavam como um absurdo ilógico o conceito freudiano de inconsciente. Para a Filosofia, *consciência* seria a essência da psiquê, já para Freud, *consciência* seria apenas um dos atributos de um psíquico que é, prioritariamente, inconsciente. Apesar de Freud ter um conhecimento razoável do assunto:

“A leitura da obra freudiana não é algo de confortável para um filósofo ou para alguém envolvido, de alguma maneira, com o mundo e a problemática da Filosofia. As críticas que são dirigidas aos filósofos e à Filosofia são tão numerosas e tão mordazes que, inevitavelmente, desencadeiam uma série de perguntas em busca de alguma explicação que justifique a postura freudiana frente à Filosofia e aos filósofos.” (idem, p.35)

E a justificativa disso não poderia ser mais simples: Freud recusa a filosofia porque a ela recusa o seu conceito de inconsciente. Como noção científica, “a filosofia analítica em seu sentido restrito, tem mantido uma atitude de ceticismo quando não se sobeja repulsa, diante da psicanálise em geral, e especificamente diante da noção de ‘inconsciente’” (CABRERA, 2004, pp.205-206).

Matteo conclui que, para Freud, a Psicanálise é uma ciência enquanto que e a Filosofia seria apenas uma visão de mundo. Mas a simples recusa já configura uma influência, mesmo que negativa, da filosofia sobre a psicanálise. Já do ponto de vista positivo e em contrapartida, o campo da análise linguística da filosofia analítica também contribuiu para a psicologia.

E como já foi tratado, Freud possuía um conhecimento razoável de Filosofia e das ciências humanas em geral, logo, alguma influência direta ele tinha, mas não assumida. Segundo Matteo, “as descobertas psicanalíticas não encontram sua justificação apenas na formação científica de Freud, mas também na sua formação literária e filosófica. Uma força anterior e concomitante aos estudos de medicina e à prática médica permeia toda a obra freudiana: a imaginação” (1983, p. 35).

Portanto, a análise psicanalítica da linguagem é uma contribuição tão importante para a filosofia da linguagem que Cabrera (2004), em consonância com Matteo, chega a considerar que a psicanálise é um dos ramos da filosofia da linguagem. E, de fato, dentro da

psicanálise, a linguagem, a subjetividade e a imaginação simbólica têm um papel central; e isso, como sugerido no trecho acima, se deve ao lado filosófico e inquieto de Freud.

Diante de tudo que já tratamos formamos uma base e uma linha de raciocínio tanto filosófica como psicológica, e procuramos definir o que seja a linguagem. Agora, no próximo capítulo, procuraremos refletir e mostrar como a maneira a linguagem pode curar.

---

## CAPITULO II

---

### A CURA

#### 2.1. Cura psíquica através da Linguagem

Iniciaremos agora a análise de como se dá *A cura através da linguagem*. Devido à ênfase na fala como expulsão, o inovador processo de cura pela linguagem foi adjetivado por seu criador, Joseph Breuer<sup>2</sup>, de catártica, termo que pode aludir à expurgação de sentimentos. Breuer não deu continuidade a essa prática terapêutica que havia descoberto, ou melhor, aperfeiçoado, nem publicou de imediato os resultados do tratamento de Bertha “Anna O”<sup>3</sup>, contudo ensinou seu método a Sigmund Freud.

No século XIX, Dr. Breuer atendeu em seu escritório “Anna O”, pseudônimo de Bertha Pappenheim. Em 1880 Breuer descobriu que havia aliviado os sintomas de depressão e hipocondria (histeria) de uma paciente, “Anna O”, depois de induzi-la a recordar experiências traumatizantes sofridas por ela na infância. Para isso Breuer fez uso da hipnose e de um método novo, a terapia de conversa.

Além de inventar a terapia através da conversa, Breuer descobriu ainda o principal problema desse método: os fenômenos que depois Sigmund Freud chamaria mais tarde de Transferência e Contra-transferência.

Os problemas diagnosticados em Bertha Pappenheim, de 21 anos, (na ficha médica “Anna O”), eram depressão e nervosismo, com um quadro de hipocondria com os mais diversos sintomas (uma condição na época denominado “histeria”). Em certas ocasiões a paciente se apresentava acreditando estar parálitica, em outras acreditava estar impossibilitada de deglutir e por algum tempo não conseguia comer ou beber água, mesmo estando com fome e sede. Em outras ocasiões tinha distúrbios visuais, paralisia das extremidades e contraturas musculares, perda de sensibilidade na pele, tosse nervosa, de

---

<sup>2</sup> Joseph Breuer (Viena, 15 de janeiro de 1842 — Viena, 20 de dezembro de 1925) foi um médico e fisiologista austríaco a quem se atribui a fundação da psicanálise. Seu pai, Leopold Breuer, era professor de religião na comunidade judaica de Viena. Devido à morte prematura de sua mãe, foi criado por sua avó materna. Depois de cursar o Ginásio Acadêmico de Viena até 1858, e depois de um ano na universidade, Breuer decidiu pela carreira médica. Diplomou-se em 1867, porém permaneceu como assistente de Johann Oppolzer.

<sup>3</sup> “Anna O” é o pseudônimo de Bertha Pappenheim (Viena, 27 de fevereiro de 1859 — Iselberg, Alemanha, 28 de maio de 1936) foi uma líder de movimento feminista, assistente social e escritora judia austro-alemã. Ficou conhecida pelo pseudônimo Anna O., criado pelo médico e psicólogo Josef Breuer em seu livro *Studies on Hysteria*, escrito em colaboração com Sigmund Freud.

modo que sua personalidade ora era a de uma deficiente, ora a de uma pessoa normal. Por vezes sentia-se incapaz de falar seu próprio idioma, o alemão, e recorria ao Francês ou Inglês para se comunicar. Breuer submeteu-a a hipnose e ela relatou casos de sua infância, essa recordação fazia que se sentisse bem após o transe hipnótico.

Após estimular a paciente a “conversar sem rodeios”, aos poucos ficou claro para Breuer que a hipnose poderia ser dispensada, caso o médico conduzisse a conversa habilmente, no sentido de provocar as recordações mais difíceis de serem trazidas à consciência. Aos poucos entendeu que os sintomas eram conexões simbólicas com recordações dolorosas – relacionadas à morte de seu pai – as quais ela revelou durante a terapia.

Tanta dedicação de Breuer no caso da paciente Bertha despertou ciúmes de sua esposa e desembocou numa crise matrimonial. Essa crise matrimonial obrigou Breuer a interromper o tratamento.

Da experiência que teve no caso de “Anna O”, Breuer concluiu que os sintomas neuróticos resultam de processos inconscientes e desaparecem quando esses processos se tornam conscientes. Chamou a esse processo *Catarse*. Breuer não deu continuidade aos trabalhos terapêuticos descobertos nem pretendeu publicar os resultados do tratamento de Bertha, até trabalhar com Sigmund Freud, a quem ensinou seu método.

Em 1893 Freud e Breuer publicaram em conjunto um artigo sobre o método desenvolvido, e dois anos mais tarde publicaram uma obra que marcou o início da teoria psicanalítica, *Studien über Hysterie* (“Estudos sobre a histeria”). Esse livro é considerado o marco inicial da psicanálise, rendendo a Breuer inúmeras críticas da comunidade médica de Viena. Com o passar do tempo, houve discordâncias de ideias entre os dois analistas e a parceria entre Breuer e Freud foi terminada.

## 2.2. Consciente, pré-consciente e inconsciente

Conforme já tratamos anteriormente, Freud evitou a filosofia, principalmente, por perceber que ela não compreende nem aceita o inconsciente e muito menos os processos de “alcançá-lo” por meio da fala, método dos psicanalistas. “*Nosso inconsciente não é o mesmo que o inconsciente dos filósofos e além do mais, a maioria dos filósofos não quer saber nada do ‘psíquico inconsciente’*” (FREUD, 1904, apud CABRERA, 2004, p.206).

Para Freud, o termo inconsciente é, portanto, incompreendido pelos filósofos, pois o máximo que eles aceitam seria aquilo que Freud denomina pré-consciente, um meio-termo entre consciência e inconsciência. Pois, para a filosofia, *“não parece compreensível aceitar a existência de processos ou intenções ‘inconscientes’ [...] como processos não plenamente focalizados pela luz da consciência”* (CABRERA, 2004 p.205-206).

De acordo com Freud existem três qualidades de processos psíquicos: conscientes, pré-conscientes e inconscientes. O consciente inclui tudo o que se percebe num dado momento e diz respeito à capacidade de ter percepção dos sentimentos, pensamentos, lembranças ou algo apreendido no momento, seria somente uma pequena parte da psiquê. Como supracitado, esta, para Freud, é majoritariamente inconsciente.

O inconsciente ou contraconsciente seria *“uma espécie de força que se opõe à direção consciente do psiquismo”* (idem p.210). Por sua vez, o pré-consciente é uma parte do inconsciente, que pode tornar-se consciente com facilidade: *“o pré-consciente torna-se consciente sem a nossa intervenção, e o inconsciente pode tornar-se consciente mediante os nossos esforços.”* (FREUD apud CABRERA, 2004, p.210)

Dessa forma, as porções da memória humana que são facilmente acessíveis fazem parte do pré-consciente. Este pode abranger lembranças do dia anterior, o segundo nome de alguém que se conheceu a pouco, a casa em que moramos, certas datas comemorativas, nossos alimentos prediletos, o cheiro de certos perfumes e uma grande quantidade de outras experiências passadas, etc.

Por outro lado, o inconsciente faz parte *“somente aqueles conteúdos que se opõem à consciência pelo efeito de sua exclusão ou negação pela força das diversas operações de defesa do psiquismo”* (CABRERA, 2004, p. 211). Assim, para o professor Júlio Cabrera o inconsciente é:

*“[...] não apenas o ‘inconsciente’ que aparece na tríade ‘inconsciente/consciente/pré-consciente’. A concepção minimal vincula o inconsciente ao movimento contrapositivo (conflitivo) entre algum conteúdo penoso e algum mecanismo de negação, ou seja, em termos muito abstratos ou formais, como corresponde a uma abordagem filosófica. A concepção de inconsciente como fortemente ligada à repressão e à concepção mais adjetiva de ‘inconsciente’, afetando tanto o ego como o id [...], são questões para a psicanálise.”* (idem, p. 212-213)

Desta forma, o inconsciente refere-se ao material não disponível à consciência pelo fato dele ter sido relegado à inconsciência devido a um tipo de autocensura ou repressão. Ele

não é, no entanto, esquecido nem perdido, somente não há permissão para que seja lembrado. O pensamento ou a memória desses fatos excluídos ainda afetam a consciência, mas apenas indiretamente.

No entanto, o inconsciente não é nem deve ser confundido ou reduzido somente a conteúdos que foram reprimidos ou excluídos da consciência. Tal confusão é justificada pelo fato de que Freud dedicou bastante atenção ao estudo da repressão, a qual, para ele era um momento inaugural da inconsciência, um dos tipos de negação defensiva, um protótipo de inconsciente, mas é apenas uma parte dele, ou seja, aquilo que foi reprimido não é todo conteúdo do inconsciente, pois este é bem mais amplo. Todavia, permanece na dimensão do inconsciente, como um mecanismo de autodefesa do indivíduo para livrar-se de algo que lhe cause prazer (ou culpa pela sensação prazerosa). Mas a permanência no inconsciente é inconstante e o conflito causado pela repressão pode transbordar:

“É absolutamente essencial ao particular mecanismo da repressão (como fora de negação distinguível de outras que o reprimido não fique nunca eliminado, mas apenas “posto de lado”), de maneira tal que possa retornar (como a água que varremos de um lugar, mas fica por ali e ameaça de novo escoar e molhar nossos sapatos). Nesse sentido, o tipo de defesa que a repressão fornece é extremamente frágil e instável, o que exige um esforço permanente de manutenção da operação.” (ibidem, p.215)

E nesse domínio do inconsciente que os dados recalcados formam uma espécie de simbolismo truncado, por isso considerado inalcançável e incompreensível. O método de cura psicanalítica, por meio da linguagem. Portanto, a cura consiste em externalizar os sentimentos e os pensamentos opressores e oprimidos em voz alta. A própria Bertha chamou o tratamento de “cura pela fala”.Primeiro, por meio da hipnose e, posteriormente, por meio da interpretação das lembranças e sonhos.

### **2.3 A linguagem no processo psicanalítico**

Mas essa cura não pode ser realizada de qualquer modo ou por qualquer pessoa, é necessário que haja um processo dirigido por uma pessoa qualificada. Freud, por exemplo, aprendeu a hipnose em Paris, onde chegou a relatar um caso clássico de sugestão hipnótica que remove os sintomas. Com essa primeira experiência ele notou o papel da antítese consciente e inconsciente no tratamento. “A pessoa normal é capaz de inibir e suprimir da associação consciente a idéia antitética, a ponto de sua existência não chegar sequer a se

manifestar. A histérica, pelo contrário, é incapaz de livrar-se dessa idéia”, segundo Mezan (1982, p.15).

Quando o indivíduo se encontra no estado hipnótico, o psiquiatra provoca a lembrança dos pontos importantes ligados diretamente às causas da histeria e também provoca fortes emoções, advindas daquela reminiscência. Essa recordação tinha o efeito de limpar o paciente, ou seja, trata-se de uma purificação que traz a cura - daí a denominação de método catártico, pois, confessando, o paciente terá um alívio do sentimento de culpa.

Catarse é o método que visa eliminar perturbações psíquicas, excitações nervosas, tensões, angústia, através da provocação de uma explosão emocional. Por meio da fala, a catarse ajuda o indivíduo a obter controle emocional e a enfrentar os problemas da vida. De acordo com Aristóteles, segundo Chauí (1996), a palavra catarse, termo emprestado da medicina já naquela época, significava limpeza da alma.

Assim, foi fundado, um campo novo, o do saber psicanalítico, no qual é imprescindível o diálogo entre médico e paciente e não um monólogo. O ramo psicanalítico configurou uma busca de compreender clinicamente os fenômenos psíquicos, como a histeria, a fim de tratá-la de forma menos invasiva e agressiva – sem eletrochoques, excesso de tranquilizantes, amarras etc.

A histeria foi, portanto o objeto do trabalho e de estudo de Freud que o permitiu descobrir e desnudar as neuroses, por meio da linguagem catártica. Mas, como já citamos, o primeiro caso clínico relatado de cura pela fala não se deve a Freud e sim ao doutor Breuer, que descreveu o tratamento dado a uma paciente chamada Anna, que possuía sintomas de histeria. Essa doença, segundo Freud:

“...é uma neurose no mais estrito sentido da palavra, quer dizer, não só foram achadas alterações perceptíveis no sistema nervoso nessa doença, como também não se espera que qualquer refinamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações.”  
(FREUD apud LOYOLA, 2007, p. 125)

Os sintomas dessa doença são bastante simbólicos e estão ligados ao inconsciente e à linguagem. O sintoma psicossomático é, portanto, uma espécie de substituto dos dados reprimidos no e pelo inconsciente e a linguagem, não apenas a verbal, mas também gestual. É utilizada pelo psíquico como uma camuflagem para que aquilo que foi recusado venha à tona da consciência. Essa percepção é um grande mérito freudiano:

“Freud ao se deparar com os sintomas simbólicos e os qualificar, dá aí à linguagem um papel essencial, sobressaindo nestas suas redes metafóricas, pois, [...] a histeria seria o fósil da linguagem ao inscrever novamente no corpo as expressões que no processo histórico, se tornaram apenas linguagem instrumental.” (Loyola, 2007 p.163)

Para Vergot (apud LOYOLA, 2007, p.131), o sintoma é um símbolo dessimbolizado, *“a análise da expressão simbólica e do sintoma simbólico lança luzes para a compreensão da relação entre corpo, linguagem e símbolo, isto é, o sintoma envolve uma percepção corporal que é ela mesma da natureza simbólica.”* Para ele, vive-se rodeado por símbolos, mas sem sequer perceber isto. Da mesma forma:

[...] a qualificação do sintoma leva Freud a repensar a importância da própria linguagem e do simbólico: o que se mostra aqui, antes de tudo é a necessidade de falar, não como máquina, mas como animal *páthico* que é o homem. A atitude de Freud diante do sintoma é, pois, diferente dos médicos de sua época [...] Freud, por seu turno, simpatiza com os histéricos, porque se identifica com eles. (LOYOLA, 2007, p. 138)

A referida paciente neurótica, *Anna O.*, foi induzida a recordar experiências da infância, por meio de hipnose e uma nova técnica utilizada por Breuer, chamada de terapia da conversa. Com essa experiência, ele concluiu que os sintomas neuróticos resultam de processos inconscientes e desaparecem quando esses processos são expressos e, por conseguinte, se tornam conscientes.

A palavra e a linguagem, portanto, funcionavam como agentes de cura e de investigação de patologias. Assim, Freud utilizava o método catártico, ou seja, de expulsão ou purgação, como forma de penetrar o inconsciente e interpretar sua linguagem simbólica de seus pacientes histéricos; primeiro através da hipnose à maneira de Joseph Breuer, seu amigo e mestre.

A maior inovação da psicanálise foi ter garantido ao paciente o direito de falar e ser ouvido. *“A hipnose com sugestão, em que só o médico fala e o paciente permanece silencioso, não permite uma investigação direta da origem dos sintomas. Limita-se a removê-los, sem que nem o médico nem o paciente compreendam coisa alguma do que está se passando”*, afirma Loyola (2007, p.16), já a hipnose freudiana, ao contrário, é dialética.

Mas para alcançar seus objetivos, eles usavam não só esse estado alterado de consciência no qual a mente interpreta a imaginação como realidade, como também o

interrogatório (terapia da conversa) com seus pacientes. Com a análise desses tratamentos, Freud e Breuer observaram e discutiram a respeito dos resultados obtidos, a fim de descobrir a origem do suposto problema mental. Desta forma, para Mezan:

“Ao rememorar verbalmente o acontecimento ou a série de acontecimentos que provocaram o sintoma, o histérico o liberta daquela quantidade de afeto, tornando-o “inofensivo” e reintegrando-o na consciência normal. A linguagem é o veículo da ab-reação, no método catártico, porque é um substituto do ato adequado.” (1982, p.7)

Ademais, as palavras utilizadas, o modo de contar os fatos e sonhos, também mantêm uma estreita similaridade com o complexo que ocasionou tal doença, familiaridade que está apenas encoberta pelo simbolismo do inconsciente e será decifrado pelo psicanalista. “*Na neurose obsessiva, por seu turno, apesar de haver similitude de ações, temos que a similitude de palavras desempenha aí também seu papel.*” (FREUD apud LOYOLA, 2007, p. 128).

Deste modo, símbolo, significado e linguagem são os principais instrumentos de pesquisa da psicanálise, ou seja, a “*linguagem adquire na clínica psicanalítica seu estatuto pleno, sendo que a significação e a simbolização devem passar necessariamente pela palavra. [...] Freud instaurou um método para retirar da experiência da fala o que nela se cala ou se desconhece, ou se trai*”, afirma Loyola (2007, p.173).

Ainda de acordo com Loyola, “*uma análise não começa quando um paciente nos conta o que sabe, mas quando se permite dizer o que não sabe. [...] revelar um segredo é colocar fim a uma situação de isolamento; a abolição do segredo dá novamente a esperança*” (idem). De tal forma, seja na hipnose, no relato de lembrança ou de sonhos, o que conta é o que está oculto ao paciente em suas próprias palavras e que será desnudado pelo médico.

Assim, a interpretação psicanalítica é polissêmica, pois o sintoma evidencia uma relação complexa e múltipla da linguagem com o corpo e a mente. E, segundo Loyola (2007, p.131) “*Freud se deparou com essa encruzilhada, onde se fez necessário qualificar uma linguagem ancorada num corpo pulsional, e qualificar um corpo vivido que é ele mesmo simbólico, constituído nesta relação imbricada com a linguagem e a pulsão.*”

Segundo Vergote (apud LOYOLA), para entender os símbolos é necessário contextualizá-los num sistema referencial. Era justamente isso que Freud fazia, como pode-

se inferir do trecho seguinte de Matteo, no qual este demonstra que o contexto de referências freudianas é bastante filosófico:

“Ao mesmo tempo, não podemos afirmar que a psicanálise nasça apenas da escuta dos fatos, porque nossa 'escuta' é seletiva; não partimos do nada para chegar a uma determinada teoria. O ponto de partida é sempre uma certa teoria implícita ou inconsciente que seleciona e interpreta os fatos. Se é verdade que sem a prática clínica de Freud não teríamos a psicanálise, o mesmo podemos afirmar se essa prática não tivesse se desenrolado, não ao lado, mas dentro do mundo literário e filosófico de Freud.” (MATTEO, 1983, p.53)

O papel ativo do médico na hipnose torna o paciente passivo, ou seja, o psicanalista que utiliza a hipnose direciona o tratamento e a cura. Mas quando Freud se deparou com pacientes que eram menos passivos, logo, mais resistentes à hipnose, precisou utilizar outro método, que consistia em interrogar os pacientes, fazendo-os lembrar de fatos passados. Os pacientes ficavam deitados, de olhos fechados e concentrados.

Percebe-se com essa alternância de métodos, segundo Mezan, que *“a psicanálise consiste na demolição, peça por peça [...] Aquilo que nela é essencial vai ser abandonado paulatinamente: primeiro a teoria dos estados hipnóides [...] Das teses secundárias sobrarão o papel da linguagem.”* (1982, p.8). Ou seja, Freud abandonou a hipnose, mas a linguagem continuou sendo importante na sua atuação.

Na análise dos sonhos é que a relação de Freud com a linguagem simbólica se torna ainda mais estreita. Nesta fase, ele atua como tradutor da abstração onírica a fim de encontrar os elos entre a linguagem imagética criada pelo inconsciente durante o sono e os traumas e complexos que transbordam na realidade consciente e, por conseguinte, causam as neuroses.

Viderman (apud LOYOLA) diz que a interpretação está no coração da psicanálise, pois nela o psicoterapeuta possui poderes de saber e racionalidade. O analista, ao verificar as falhas da hipnose tem de buscar outros meios de subjugar as neuroses. E o meio, para Viderman, é a própria subjetividade do analista. Esta está no centro da ação terapêutica, pois precisa configurar os significados junto com seus pacientes, por meio da escuta e da interpretação da linguagem:

“Em outras palavras, no começo a interpretação era tida como comunicação racional, consciente, do que estava sendo desvendado pela investigação de um passado traumático (à “neurótica”), cujo sentido já estava aí presente. [...] A interpretação passa a ser vista

cada vez mais como uma produção gerada em termos intersubjetivos no espaço de uma relação. [...] O analista visa assim não apenas interpretar a inscrição, mas também, dentro do possível, realizá-la. Seu papel se assemelha com a decifração juntamente com o analisando de um enigma.” (VIDERMAN apud LOYOLA, 2007, pp.190-191)

Ao abrir mão da impessoalidade e do distanciamento típicos do cientificismo, Freud descobriu o poder da interpretação dos outros e de si. Ele inovou a ciência do século passado e se tornou um mestre por saber valorizar pequenos eventos da vida cotidiana em sua análise. O poder de evocação das palavras do psicanalista, segundo Loyola, (2007) garante diferentes perspectivas, ou seja, polissemia. A interpretação se torna um processo, um movimento que deve ocorrer perto do Eu do paciente, isto é, respeitando seu tempo.

Sigmund Freud considerava e sustentava que o lapso, o sonho ou mesmo o trocadilho revelariam, se analisados, uma verdade decisiva para o sujeito. Ele foi, portanto, um precursor, em parte por ter contrariado a ciência da época ao encontrar o sujeito onde ele efetivamente estava, no inconsciente, e não onde era esperado; mas, principalmente, por ter descoberto o único meio de acessá-lo: a linguagem.

#### **2.4 A importância da linguagem na psicoterapia atual**

Atualmente vive-se um paradoxo: as pessoas possuem inúmeras formas modernas de se comunicar, mas vivem imersas no individualismo. O número de pessoas que se comunicam por meio de correio eletrônico, de mensagens virtuais instantâneas, por torpedos de celulares, sites de relacionamento, etc., faz com que na mesma proporção se diminui o contato real entre as pessoas.

Não é efetivamente a quantidade de comunicação efetuada, mas sim sua qualidade. A maioria desses contatos é superficial e artificial, isto é, a pessoa tem centenas de interlocutores, mas continua sozinha, não cria vínculos fortes o suficiente para efetivar uma comunicação que possa servir como meio de externalizar seus conflitos internos, anseios, dúvidas e medos.

Dessa forma, a falta de interação na sociedade atual potencializa aquilo que Freud chamava de neurose. Frequentemente vemos complexos de inferioridade, depressão, síndromes do pânico, TOC, pois as pessoas estão cada vez mais isoladas em si mesmas, escondidas atrás de telas de computadores, isolando ainda mais aqueles dados inconscientes

que precisam ser expressos para que ocorra a libertação por meio da linguagem. É necessário *sair de si* para enxergar o Outro, enxergar o real, e, acima de tudo, para ver o quanto somos pequenos diante do mundo e da realidade que nos cerca.

Sem as necessárias interações comunicativas verdadeiras as pessoas ocultam não só seu inconsciente, mas todo o seu ser a fim de agradar e criar relações de mentira numa realidade falsa. Não raro, a própria pessoa não se reconhece mais, pois passa a acreditar na própria mentira; o que constitui um círculo vicioso de máscaras. Podemos ver com isso que a falta de linguagem ou a omissão dela ainda causa muitas neuroses.

Por fim, o caminho para encontrar a si mesmo (consciente e inconsciente) e curar-se das angústias das velhas e novas neuroses é a linguagem terapêutica. E isso não somente por meio da psicoterapia atual, que ainda guarda bastante semelhança com o método freudiano de buscar no passado o espelho para os problemas do presente, mas também por meio de relações interpessoais dialéticas verdadeiras e sinceras e, principalmente dos autoconhecimentos reflexivos.

---

## CONCLUSÃO

---

Diante deste amplo tema, temos a consciência de que estamos longe de chegarmos a uma síntese que seja aceita por todos, temos ainda consciência de que discordância surgirão, mas há de se concordar que Freud foi uma grande figura do século XX, por muitos motivos: fundou a psicanálise, foi paradigma para a psicoterapia posterior; produziu um vasto material escrito que é referência para muitas áreas do conhecimento; criou uma teoria bastante controversa, mas extremamente influente. No viés deste trabalho, no entanto, constatou-se que um dos grandes méritos freudianos foi a sensibilidade ao perceber quão fundamental é a Linguagem para o conhecimento do mundo e de si mesmo, e como instrumento de cura, inclusive.

Ao perceber que a Linguagem é o meio de interação por excelência, Freud também notou que a relação médico-paciente deveria ser mediada por ela. Diferentemente dos médicos que somente agem ou só falam, Freud, ao contrário, pôs-se a escutar seus pacientes. Além de escutar preocupou-se também em interpretar, a fim de transformar o simbólico do paciente em algo concreto e analisável. Freud, portanto, travou com a Linguagem uma relação quase poética. Esse foi apenas um dos pontos em que esse médico austríaco foi inovador.

Pode-se discordar ou não compreender as teorias de Freud sobre as causas sexuais das neuroses, mas é inegável que o caminho por ele descoberto para formar suas hipóteses está correto: a Linguagem. Ele conseguiu relacionar corpo e mente e ver que as doenças da mente não eram físicas (ou seja, causadas por problemas físicos no cérebro), mas usava o físico como palco para se manifestar. E essa manifestação era feita por meio de sintomas que, em si, já são uma forma de Linguagem que precisava ser “lida”, decifrada, interpretada pelo médico.

Os sintomas eram indícios de desejos inconscientes reprimidos. Por isso, de acordo com a interpretação do sintoma, da fala, da Linguagem gestual e do simbolismo de todas essas expressões, podia-se identificar a causa do mal, ou seja, daquilo que está inconsciente, mas extravasou. Muitos chamam a prática de Freud de terapia pela fala, pois a linguagem foi o seu principal, o único que não foi abandonado, suprimido, substituído no decorrer de sua vida.

Finalmente, a Linguagem servia a todas as etapas do tratamento médico freudiano: ela era o instrumento para efetuar o exame clínico, o diagnóstico e a cura do distúrbio inconsciente. Assim, mesmo que Freud evitasse os filósofos, a importância que deu à linguagem muito o aproximou da filosofia. A ênfase na subjetividade e na interpretação o aproxima das ciências humanas, apesar de ser um psiquiatra ele soube tratar os pacientes como um todo coeso e interligado pela linguagem.

---

## ANEXO

---

### **BIOGRAFIA DE VYGOTSKY (1896-1934)**

Lev Semenovich Vigotski, foi professor e pesquisador, contemporâneo de Piaget, nasceu e viveu na Rússia, quando morreu, de tuberculose, tinha apenas 34 anos de idade. Como professor dedicou-se nos campos da pedagogia e psicologia. Deu várias palestras em escolas e faculdades sobre pedagogia, psicologia e literatura. Como cidadão e político foi partidário da revolução russa e sempre acreditou em uma sociedade mais justa sem conflito social e exploração. Construiu sua teoria tendo por base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo socio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, sendo essa teoria considerada historicossocial.

Vigotski considera o papel da instrução um fator positivo, no qual a criança aprende conceitos socialmente adquiridos de experiências passadas e que passarão a trabalhar com essas situações de forma consciente. Se uma transformação social pode alterar o funcionamento cognitivo e pode reduzir o preconceito e conflitos sociais, então esses processos psicológicos são de natureza social. Devem ser analisados e trabalhados através de fatores sociais.

A redução de reações biológicas é uma condição previa para o aparecimento de fenômenos psicológicos. Vigotski e Luria (1930/1993) explicaram isto na área da percepção: A criança no início de sua vida tem apenas sensações orgânicas - tensão - dor - calor, principalmente nas áreas mais sensíveis. Quando a criança deixa de sofrer influência desses processos biológicos, passa a perceber a realidade. A percepção da realidade requer processos biológicos como determinantes de experiência, permitindo que seu organismo passe a ser afetado por fatores externos. Evidentemente só a realidade dos fatores externos não determinam completamente essa percepção. A informação de que esses processos biológicos tornam-se disponível no organismo é organizado pela própria criança através de experiência social e cultural. A criança passa a ver o mundo com sua própria visão, administrando sob seu ponto de vista.

Um conceito só é caracterizado quando as características resumidas são sintetizadas de forma que a resultante se torne um instrumento de pensamento. A criança progride na formação de conceitos após dominar o abstrato e combinar com pensamentos mais complexos

e avançados. Na continuação da educação os conceitos tornam-se concretos, aplicam-se as habilidades aprendidas, por instruções, e as adquiridas em experiências da convivência social.

A metodologia de ferramenta-e-resultado de Vigotski e psicologia Capítulo 3 de Fred Newman e o livro de Lois Holzman e Lev Vigotski: Cientista revolucionário. Eles oferecem um contraste importante entre pragmatismo e a prática de Marx e Vigotski. Eles recorrem a isto como uma ferramenta e metodologia de resultado nas quais a ferramenta não é uma condição prévia para praticar. Para Vigotski, método é algo para ser praticado e não aplicado como o fim justificando os meios, nem uma ferramenta para alcançar resultados. Método é simultaneamente condição prévia e produto. Na verdade fica difícil distinguir o que é ferramenta para resultado e ferramenta e resultado como quer Vigotski.

James Wertsch e Mike Cole dão uma comparação de Vigotski e as teorias de Piaget no desenvolvimento da criança. Eles discutem que a divisão do social e o indivíduo não se perdem porque Vigotski e Piaget avaliaram as forças individuais e sociais em desenvolvimento. Ambos relacionam social-individual, mas é Vigotski que focaliza mais o social, dando ao social um papel específico no desenvolvimento.

De acordo com a história canônica, para Piaget, as crianças individuais constroem conhecimento através de suas próprias ações: entender é inventar. Para Vigotski é a compreensão através do contraste social e origem. Entretanto Piaget nunca negou o papel da igualdade social na construção do conhecimento. É possível encontrar em Piaget afirmações em que a individualidade e o social são importantes.

Contraste entre os pontos de vista de Vigotski e Freud. A visão naturalista de Freud da mente contradiz com a visão socio-histórica de Vigotski. Para Vigotski, cultura não regula processos naturais, simplesmente substitui os processos elementares e o conteúdo total dos fenômenos psicológicos. Processos culturais e produtos constituem processos mentais.

Vigotski criticou Piaget. As críticas a Piaget não foram diferentes das dirigidas a Freud. Não é surpresa devido ao endosso de Piaget aos conceitos de Freud. Piaget afirmou que a mente é governada através de mecanismos biológicos. Ele também afirmou que processos cognitivos são originalmente egoístas e anti-sociais. Eles só são dirigidos a realidade e ao relacionamento social depois de 07 a 08 anos de idade.

Vigotski colocou uma concepção bastante diferente da criança. Ele afirmou que mecanismos naturais governam o comportamento das crianças. Porém, antes de 02 anos de idade, a criança participa das relações sociais. Mecanismos biológicos operam durante curto espaço de tempo. Porém, eles são substituídos rapidamente através de influências sociais.

Assim que infância termine, o indivíduo começa a participar de relações sociais. Relações sociais formam o contexto desenvolvendo de crianças e constituem a natureza da criança. Vigotski considerou a criança como um indivíduo social, Piaget considerou como anti-social. Para Vigotski, relações sociais constituem a psicologia da criança desde o começo. Para Piaget, relações sociais são secundárias à natureza biológica da criança.

O trabalho de Vigotski em “*defectology*” complementou a perspectiva política dele conduzindo à conclusão que fenômenos psicológicos como inteligência, raciocínio, idioma, memória, personalidade, percepção, loucura, e emoções descansam em meios culturais.

Distúrbios biológicos que afetam a transmissão de informação interferem na percepção, entretanto a maioria das pessoas apresenta processos biológicos normais, e a experiência perceptiva é determinada por experiência social e produtos culturais. Como Vigotski e Luria declararam: percepção, memória, emoções, e causas que são mediadas socialmente substituem sensações orgânicas e habilita para o contato com o mundo (Vigotski, 1998).

“Percepção, raciocínio, memória, emoções, necessidades, motivos, o uso da personalidade nos meios sociais (como conceitos lingüísticos), como os sistemas operacionais. São funções naturais determinadas por mecanismos biológicos. Como Luria (1978) escreveu.”

Trabalhando com vítimas da guerra e da revolução russa, Vigotski deparou-se com uma variedade de traumas somáticos e psicológicos. Trabalhando com esses pacientes verificou que poderiam ser tratados com artefatos. Braille e quirologia eram artefatos sociais que ajudaram a compensar os prejuízos físicos como a visão e audição. O apoio social torna-se um fator de encorajamento e orientação, compensando as deficiências físicas e psicológicas. Essas compensações permitem ao indivíduo desenvolver suas funções, lendo, comunicando, argumentando.

De acordo com Vigotski, fenômenos psicológicos são sociais. Eles dependem de experiência social e tratamento, e eles absorvem os artefatos culturais. Experiência social inclui a maneira na qual as pessoas estimulam e dirigem a atenção da pessoa, comportamento padrão, (encorajar, desencorajar), controlar movimentos, e organizar as relações de espaço entre indivíduos. Em artefatos culturais encontram-se sinais, símbolos, condições lingüísticas, industrialização de objetos e instrumentos. Tratamento social e produtos socialmente produzidos geram e caracterizam fenômenos psicológicos.

Considerando um raciocínio matemático. Não há nada que determine um fenômeno neste caso, porque o organismo humano não está pré-programado para desenvolver essa

função. Os seres humanos viveram milhares de anos sem a matemática. Não surgiu espontaneamente, naturalmente, pelo contrário. As necessidades da aplicação matemática foram surgindo a medida que emergia o comércio. Para suprir essas necessidades os humanos desenvolveram símbolos e sistemas, que passaram a manipular. Isso quer dizer que não faz sentido creditar uma habilidade natural em matemática, quando na verdade ela depende de processos naturais trabalhados em um cérebro normal que conclua as operações que são impostas pela necessidade.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- CABRERA, Julio. *Margens das filosofias da linguagem*. Brasília: UnB, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 7ª edição, 1996.
- DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Curso de estética: o belo na arte*. VITORINO, Orlando; RIBEIRO, Álvaro (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LOYOLA, Valeska Mª Zanello. *A metáfora no trabalho clínico*. Guarapari: Ex Libris, 2007.
- MATTEO, Vincenzo Di. *A influência filosófica no pensamento freudiano*. Simposium. Revista da UNICAP, 1983. v. 24, n.2, p.35-46.
- MEZAN, Renato. *A Trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SHUBACK, Márcia Sá Cavalcante. Quando da palavra se faz silêncio. In: *Para ler os medievais. Ensaio de hermenêutica interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SALVADOR, Humberto. *Freud e o ABC da Psicanálise*. São Paulo: Editorial San Remo Ltda., 1974.
- SOUZA, Sônia Maria Ribeiro de. *Um outro olhar: filosofia*. São Paulo: FTB, 1995.
- VIGOTSKI, Lev. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Biografia*. Visitado em disponível em:  
<http://www.pedagogas2na.hpg.ig.com.br/mestres/mestres.htm>